

Desempenho dos Bancos

1º semestre de 2017



Lucros elevados, impostos em queda e intensa reestruturação nos cinco maiores bancos do país no semestre

Rede Bancários

DI ESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

DESEMPENHO DOS BANCOS NO 1º SEMESTRE DE 2017

No primeiro semestre de 2017, a despeito do adverso cenário econômico, os cinco maiores bancos do país tiveram desempenho muito expressivo, com alta no lucro líquido, apesar de ter havido queda na intermediação financeira (as principais contas dos bancos) como também nos resultados operacionais, em comparação a igual período do ano anterior. A Caixa Econômica Federal é exceção, com alta nos indicadores.

Os bons resultados auferidos pelos cinco maiores bancos se devem, entre outros fatos, à elevação das receitas com tarifas e serviços, mas especialmente à queda nas despesas de captação que acompanharam o movimento de redução da taxa Selic. As despesas com impostos (IR e CSLL) também caíram, em parte pela entrada de créditos tributários, mas também por causa da queda dos impostos devidos em função de resultados menores em termos operacionais e da Intermediação Financeira.

Do ponto de vista dos impactos negativos nos resultados, as despesas com empréstimos e repasses cresceram significativamente, principalmente em função das variações no câmbio, o que levou ainda a perdas de algumas receitas de intermediação, atreladas a esse indicador, principalmente aquelas com instrumentos derivativos.

Enquanto os elevados resultados dos cinco maiores bancos crescem a cada trimestre, observa-se significativa reestruturação no setor, com o crescimento das transações virtuais (via mobile e internet) e redução das estruturas físicas e funcionais, com fechamento de agências e postos de trabalho. Essa situação tem sido agravada pela implementação de planos de aposentadoria incentivada e desligamento voluntário pelo Banco do Brasil, pela Caixa e pelo Bradesco.

Esses são os principais destaques da 12ª edição do estudo Desempenho dos Bancos, produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) - Rede Bancários.

Os gigantes do sistema financeiro nacional

O total de ativos das cinco maiores instituições bancárias do país, em 30 de junho de 2017, atingiu R\$ 6,1 trilhões, com evolução média de 5,1% em relação ao primeiro semestre de 2016, conforme demonstrado na Tabela 1.

TABELA 1
Destaques dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017

Indicadores	1sem2017	Varição (12 meses)
Número de Agências	19.145	-0,8%
Ativos Totais	6,1 trilhões	5,1%
Patrimônio Líquido	441,5 bilhões	7,9%
Operações de Crédito	2,8 trilhões	0,2%
Receita com as Operações de Crédito	187,7 bilhões	4,7%
Resultado com TVM	110,4 bilhões	3,3%
Resultado com Câmbio	2,8 bilhões	-38,1%
Despesas com Captação no Mercado	165,1 bilhões	-9,8%
Resultado com Empréstimos e Repasses	-20,1 bilhões	-
Despesas com Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	54,4 bilhões	1,0%
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	87,6 bilhões	-16,4%
Receita de Prestação de Serviços e Tarifas	61,1 bilhões	11,8%
Despesas de Pessoal + PLR	47,2 bilhões	9,9%
Resultado Operacional	46,5 bilhões	-23,6%
Imposto de Renda e CSLL	9,7 bilhões	-66,8%
Lucro Líquido Total	35,6 bilhões	27,1%
Número de Trabalhadores (1)	422.795	-3.021

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Nota: (1) Em julho de 2016, o Bradesco incorporou 21.016 trabalhadores do HSBC, o que afeta a análise da variação do emprego bancário no período. Se considerada a variação do emprego de setembro de 2016 a junho de 2017, será obtido um retrato mais fiel ao movimento do setor. Nesse período, foram fechados 21.103 postos de trabalho nos cinco maiores bancos brasileiros

A partir de 1º de julho de 2016, o Bradesco consolidou os resultados com as informações do HSBC Brasil, após a conclusão do processo de aquisição do banco inglês. A consolidação dos balanços dos dois grandes bancos afetou vários indicadores de desempenho das cinco maiores instituições financeiras do país. No Bradesco, em particular, além dos ativos, foram afetadas as variações observadas na carteira de crédito, nos postos de trabalho e no número de agências. Com essa aquisição, o setor bancário brasileiro ficou ainda mais concentrado. Os cinco maiores bancos já detêm 87% das operações de crédito do país.

Em função disso, o Bradesco apresentou o maior crescimento no montante dos

ativos, com alta de 16,8%, atingindo quase R\$ 1,3 trilhão. Os ativos da Caixa cresceram 5,2%, chegando próximos também de R\$ 1,3 trilhão. Já os ativos do Banco do Brasil se mantiveram estáveis, com um total de R\$ 1,44 trilhão, fazendo com que o banco perdesse a 1ª posição no *ranking* dos maiores bancos segundo esse critério. O Itaú Unibanco tornou-se o maior banco do país, com Ativo Total da ordem de R\$ 1,45 trilhão e alta de 3,7% em 12 meses. Uma das razões para essa elevação dos ativos do Itaú foi a aquisição do banco chileno CorpBanca.

Apenas o Santander apresentou ligeira queda de 0,3% nos ativos, mantendo-se praticamente estável em relação a junho de 2016, com R\$ 653 bilhões.

O patrimônio líquido dos cinco maiores bancos apresentou crescimento mais expressivo que o total de ativos, com alta média de 7,9%, atingindo o montante de R\$ 441,5 bilhões. Mais uma vez, a maior ampliação foi observada no Bradesco (10,8%), cujo patrimônio líquido alcançou R\$ 106,8 bilhões devido à aquisição do HSBC. O Santander cresceu menos (alta de 5,0%, somando R\$ 59,6 bilhões).

O saldo das carteiras de crédito dos cinco maiores bancos permaneceu praticamente estável na média, com variação de apenas 0,2% no período, chegando a R\$ 2,8 trilhões.

As instituições com ampliação da carteira no período foram Bradesco (alta de 10,3%, totalizando R\$ 493 bilhões, com aquisição do HSBC), Santander (alta de 5,4%, totalizando R\$ 325,0 bilhões) e Caixa (elevação de 3,5%, chegando a R\$ 715,9 bilhões). Banco do Brasil e Itaú tiveram redução, respectivamente, de -7,6% e -4,2%.

Esse cenário está relacionado ao impacto da forte retração da atividade econômica sobre o nível dos investimentos, do emprego e da renda no país desde o início de 2015, com significativa redução na demanda por crédito. Porém, observa-se também forte atuação pró-cíclica das instituições financeiras, com desaceleração da oferta de crédito.

Os bancos públicos que, em outras ocasiões, atuaram de forma anticíclica, visando incentivar a atividade econômica, atualmente seguem a mesma lógica das instituições privadas, com restrição ao crédito e alta de juros e *spreads*.

Apesar de os grandes bancos direcionarem os recursos das carteiras de crédito para as linhas de menor risco, como imobiliário, consignado e empréstimos a grandes empresas, modalidades com inadimplência menor e taxas de juros mais baixas, observou-se ligeira alta nos índices de inadimplência para atrasos superiores a 90 dias no Bradesco e Banco do Brasil (respectivamente, 0,3 p.p. e 0,85 p.p.). Bradesco fechou o semestre

com inadimplência de 4,9% e Banco do Brasil, com 4,1%, ambas as taxas acima da média do sistema (de 3,74%, em junho de 2017). Os demais apresentaram queda no índice: Itaú, -0,4 p.p.; Santander, -0,3 p.p.; e Caixa, -0,68 p.p.

O Bradesco manteve estratégia conservadora em relação ao provisionamento de sua carteira, mesmo com pequena elevação da inadimplência. A despesa com provisões para devedores duvidosos (PDD) nos cinco bancos cresceu, em média, 1,0% em 12 meses, porém, no Bradesco, o aumento foi de 40,9%, atingindo o montante R\$ 14,8 bilhões. Itaú, Banco do Brasil e Caixa reduziram despesas, com provisão em 21,3%, 5,7% e 3,3%, respectivamente. No Santander, a alta foi de 3,3%, somando R\$ 6 bilhões.

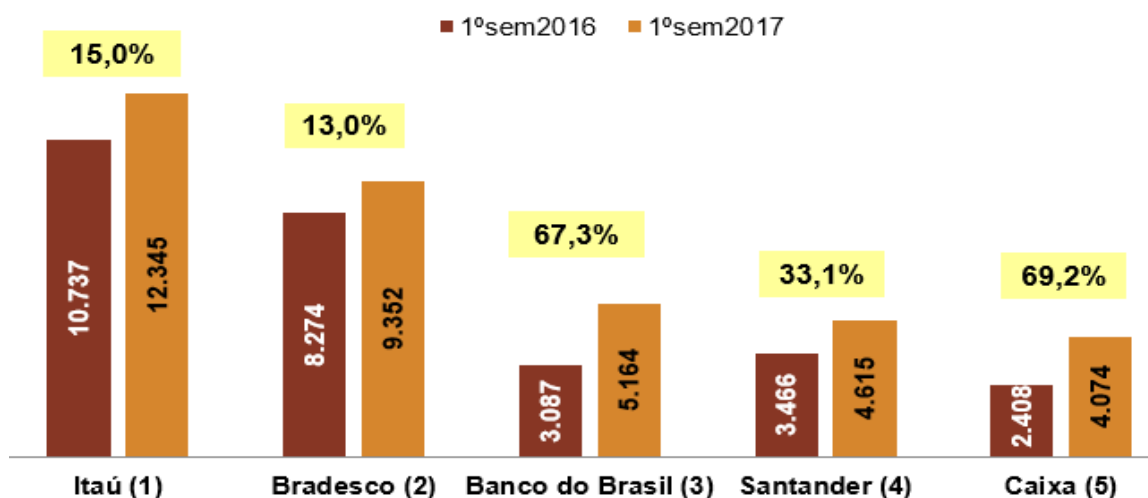
Lucros e rentabilidade

Entre janeiro e junho de 2017, o lucro líquido dos cinco maiores bancos do país somou R\$ 35,6 bilhões. Esse montante foi 27,1% maior que o registrado no mesmo período de 2016 (Gráfico 1). O resultado pode ser explicado, entre outros fatores, pela redução de 10% nas despesas de captação dos bancos sob influência da redução da taxa Selic (em termos nominais, a redução foi de R\$ 17,8 bilhões). Esta é a principal despesa das instituições financeiras e, portanto, tem grande influência no resultado. Além disso, vale destacar a retração nos valores pagos com impostos e contribuições (IR e CSLL), que será mais detalhado adiante.

Como já ocorre há alguns anos, o maior lucro líquido foi obtido pelo Itaú Unibanco e alcançou R\$ 12,3 bilhões, com crescimento de 15,0% em 12 meses. Em segundo lugar veio o Bradesco, com lucro líquido de R\$ 9,4 bilhões e alta de 13,0%.

Na Caixa, o lucro líquido atingiu R\$ 4,1 bilhões, com alta de 69,2% em relação ao primeiro semestre de 2016. Foi o maior crescimento observado no lucro líquido no período entre os cinco maiores. O destaque fica para o resultado operacional da instituição, que subiu 447,3% no período, devido à melhora no resultado da intermediação financeira decorrente das contas atreladas ao câmbio, à redução na despesa de captação e ao crescimento das receitas com prestação de serviços e tarifas.

GRÁFICO 1
Lucro líquido dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Nota: (1) LL Recorrente

(2) LL Ajustado

(3) LL Ajustado

(4) LL Gerencial

(5) LL Contábil

O Banco do Brasil apresentou a segunda maior evolução do período, com crescimento de 67,3% no lucro líquido em 12 meses, alcançando R\$ 5,2 bilhões. Esse resultado foi influenciado pelo crescimento das receitas com prestação de serviços e tarifas e pela queda nas despesas com provisões. O resultado líquido do Santander, por sua vez, aumentou de 33,2%, chegando a R\$ 4,6 bilhões.

TABELA 2
Rentabilidade sobre o patrimônio líquido dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em %)

Bancos	1º Semestre		Variação (em p.p.)
	2016	2017	
Itaú Unibanco	20,1%	21,8%	1,7
Bradesco	17,4%	18,2%	0,8
Banco do Brasil	6,6%	10,4%	3,8
Santander	12,8%	15,9%	3,1
Caixa Econômica Federal	9,7%	9,0%	-0,7

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A rentabilidade das maiores instituições do país também foi ampliada, em função dos maiores resultados líquidos apurados (Tabela 2). Segundo estudo recente da Economática, os grandes bancos brasileiros possuem rentabilidade sobre o patrimônio (ROE) mais elevada do que muitos estrangeiros.

TABELA 3
Os 25 maiores bancos por rentabilidade sobre
o patrimônio líquido com ativos acima de US\$ 100 bilhões
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em %)

Posição	Banco	País	Ativo Total US\$ Milhões	ROE %	Data Balanço
1	ItauUnibanco	Brasil	437.802	18,00	30/06/2017
2	Canadian Imperial Bank Of Commerce	Canadá	560.912	17,06	31/07/2017
3	Royal Bank Of Canada	Canadá	965.456	15,73	31/07/2017
4	Hdfc Bank Ltd	India	139.815	14,97	31/03/2017
5	Bradesco	Brasil	359.447	14,62	30/06/2017
6	Bank Of Nova Scotia	Canadá	728.551	14,39	31/07/2017
7	Toronto Dominion Bank	Canadá	966.529	13,67	31/07/2017
8	US Bancorp	USA	463.844	12,44	30/06/2017
9	Brasil	Brasil	436.979	11,37	30/06/2017
10	Northern Trust Corp	USA	125.606	11,23	30/06/2017
11	Santander BR	Brasil	197.404	11,08	30/06/2017
12	Wells Fargo & Company	USA	1.930.871	10,90	30/06/2017
13	Shinhan Financial Group Co Ltd	Korea	362.425	10,52	30/06/2017
14	Jpmorgan Chase & Co	USA	2.563.174	10,37	30/06/2017
15	State Street Corp	USA	238.274	10,32	30/06/2017
16	Icici Bank Ltd	India	152.026	10,25	31/03/2017
17	Bank Of New York Mellon Corp	USA	354.815	9,56	30/06/2017
18	Fifth Third Bancorp	USA	141.067	9,52	30/06/2017
19	Kb Financial Group Inc.	Korea	369.726	9,47	30/06/2017
20	Huntington Bancshares Inc	USA	101.407	9,31	30/06/2017
21	PNC Financial Services Group, Inc	USA	372.190	9,07	30/06/2017
22	M&T Bank Corp	USA	120.897	8,61	30/06/2017
23	Keycorp	USA	135.824	8,56	30/06/2017
24	Woori Bank	Korea	276.750	8,05	30/06/2017
25	BB&T Corp	USA	221.192	7,91	30/06/2017

Fonte: Economática

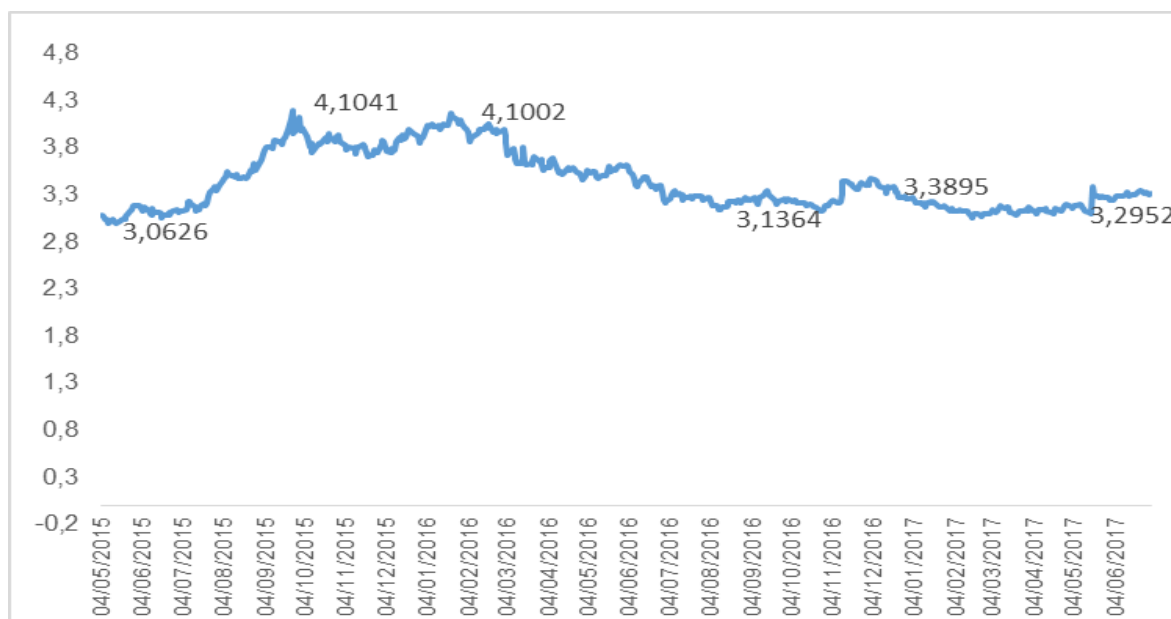
Na amostra com instituições financeiras com ativos totais acima de US\$ 100 bilhões, entre as 25 com melhor rentabilidade, encontram-se quatro bancos brasileiros. (Tabela 3). O Itaú encabeça a lista, com rentabilidade de 18%, seguido pelo Bradesco na quinta posição (14,62%), o Banco do Brasil na nona posição (11,37%) e, finalmente, o Santander na 11ª (11,08%). Vale lembrar que os valores são distintos da Tabela 2, pois,

seguem a metodologia de cálculo da Economática, para efeito de comparação. Esse desempenho mantém o setor financeiro entre os mais rentáveis no mundo.

A influência do câmbio nos resultados do período

Os resultados no primeiro semestre de 2017 sofreram forte impacto das variações cambiais do período. O Real teve significativa valorização no decorrer de 2016 e isso trouxe resultados positivos aos bancos. Contudo, em 2017, observa-se tendência de estabilidade da moeda nacional (Gráfico 2). Receitas com câmbio e derivativos foram alguns dos itens impactados por esse movimento.

GRÁFICO 2
Evolução da Taxa de Câmbio
Brasil – maio de 2016 a junho de 2017 (em R\$)



Fonte: Banco Central do Brasil

A conta mais afetada pelas variações no câmbio foram as despesas com empréstimos e repasses, como demonstrado na Tabela 3. No total, uma receita de R\$ 23,8 bilhões registrada no primeiro semestre de 2016 voltou a ser uma despesa no primeiro semestre de 2017, de R\$ 20,1 bilhões, diferença absoluta de R\$ 43,9 bilhões.

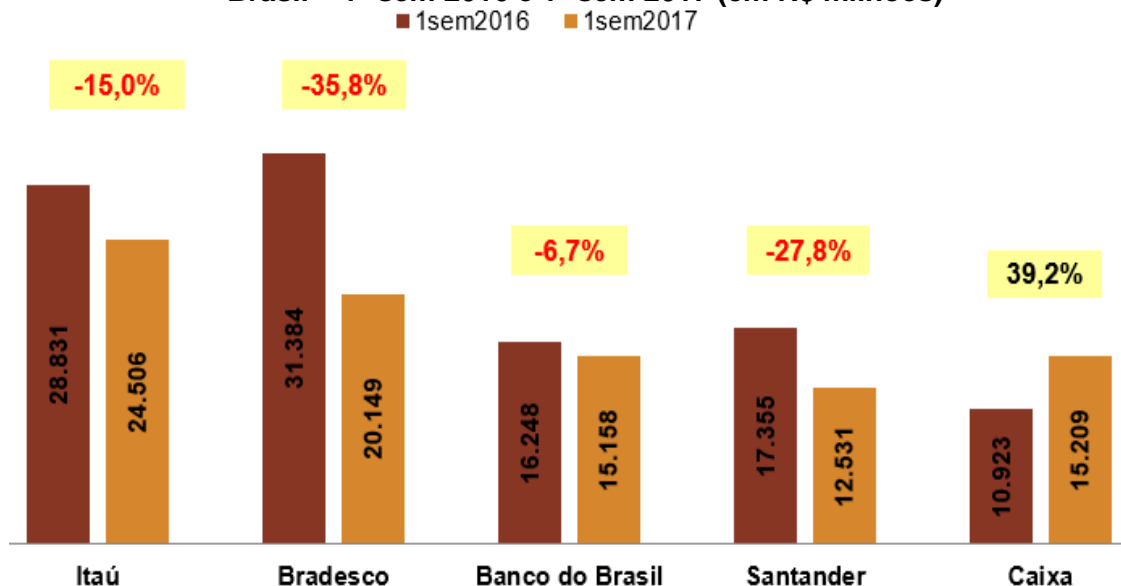
TABELA 3
Resultado com empréstimos e repasses dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	1º Semestre	
	2016	2017
Itaú Unibanco	7.493	-2.938
Bradesco	5.323	-2.631
Banco do Brasil	11.334	-4.260
Santander	6.071	-1.537
Caixa Econômica Federal	-6.423	-8.691
Total	23.798	-20.057

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Esse movimento, entre outros, contribuiu para que o resultado da intermediação financeira nos bancos caísse, em média, 16,4%, passando de R\$ 104,7 bilhões, em junho de 2016, para R\$ 87,6 bilhões, em junho de 2017. Apenas a Caixa apresentou crescimento nesse resultado (vide gráfico 3).

GRAFICO 3
Resultado da intermediação financeira dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Prestação de serviços e tarifas X despesas de pessoal

Apesar de ser fonte secundária de receitas, as tarifas representam parcela importante da receita total dos bancos. No período analisado, as receitas com prestação de serviços e tarifas bancárias aumentaram, em média, 11,8%, somando R\$ 61,1 bilhões.

Santander e Bradesco tiveram as maiores variações nesse item (ambos com crescimento em torno de 16,9%). No Banco do Brasil, as receitas cresceram 10,0%. No Itaú, o crescimento foi menor, ficando em 7,3%. Na Caixa, houve alta de 12,5%. A Tabela 4 mostra os montantes auferidos por cada banco nessa conta.

TABELA 4
Receita de prestação de serviços mais renda de tarifas dos cinco maiores bancos Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	1º Semestre		Variação (em %)
	2016	2017	
Itaú Unibanco	16.126	17.297	7,3%
Bradesco	9.970	11.656	16,9%
Banco do Brasil	11.285	12.411	10,0%
Santander	6.419	7.501	16,9%
Caixa Econômica Federal	10.870	12.230	12,5%
Total	54.670	61.095	11,8%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Quanto às despesas de pessoal, os cinco bancos apresentaram crescimento médio de 9,9%, considerando o pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR). O maior incremento ocorreu no Bradesco (29,2%), totalizando R\$ 9,4 bilhões, todavia, esse crescimento se deve à incorporação do quadro funcional do HSBC Brasil.

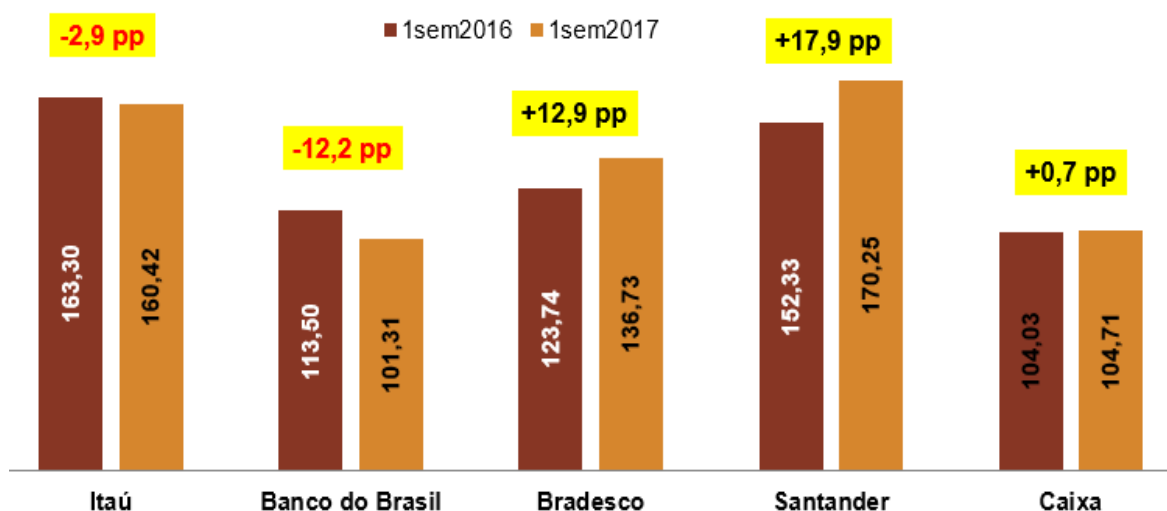
A Caixa apresentou a segunda maior variação nesse item, em função do Programa de Desligamento Voluntário Extraordinário (PDVE) implementado no 1º trimestre de 2017. As despesas de pessoal na Caixa, incluindo a PLR, cresceram 11,8%, chegando a R\$ 11,7 bilhões.

No Itaú, essa conta cresceu 9,2%, atingindo R\$ 10,8 bilhões. No Banco do Brasil, houve queda de 1,8% em 12 meses, totalizando R\$ 10,9 bilhões. No Santander, o aumento foi de 4,6% e chegou a R\$ 4,4 bilhões.

As despesas de pessoal compreendem os gastos com folha de pagamento (remuneração, PLR, encargos sociais e benefícios), além daqueles com treinamento e processos trabalhistas.

Comparando o total de receita de prestação de serviços e tarifas bancárias com o total das despesas de pessoal das instituições, nota-se que somente a arrecadação com prestação de serviços e tarifas bancárias cobriu entre 101% e 170% das despesas com funcionários nas maiores instituições financeiras, conforme mostra o Gráfico 4.

GRÁFICO 4
Relação entre as despesas de pessoal
e as receitas com prestação de serviços e tarifas
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em %)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Impostos afetaram positivamente o resultado do período

Uma rubrica com destaque nos balanços dos maiores bancos no 1º semestre de 2017, como ocorre desde 2015, foi a dos impostos, na qual estão incluídos, entre outros, o Imposto de Renda (IR) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).

Em 2015, com a aprovação da Medida Provisória 675, convertida na Lei 13.169, de 2015, houve elevação da alíquota da CSLL, cobrada das instituições financeiras, de 15% para 20%. A lei passou a valer em 1º de setembro de 2015 e deve vigorar até 31 de dezembro de 2018. Entretanto, apesar desse aumento, na época, os bancos resgataram montante significativo em créditos tributários¹, o que elevou os lucros verificados no ano anterior. Em 2016 isso não aconteceu, o que influenciou a queda nos resultados daquele ano.

No primeiro semestre de 2017, observou-se novamente queda no volume das despesas com impostos e contribuições pagas pelos cinco maiores bancos do país, gerando efeito positivo sobre os lucros, porém foram usados altos volumes de créditos tributários, a exemplo do observado em 2015.

TABELA 5
Resultado Bruto e Operacional dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho				Variação % Resultado Bruto	Variação % Resultado Operacional
	2016		2017			
	Resultado Bruto	Resultado Operacional	Resultado Bruto	Resultado Operacional		
Itaú Unibanco	28.831	21.348	24.506	17.032	-15,0%	-20,2%
Bradesco	31.384	19.922	20.149	10.940	-35,8%	-45,1%
Banco do Brasil	16.248	8.674	15.158	8.372	-6,7%	-3,5%
Santander	17.355	10.129	12.531	6.106	-27,8%	-39,7%
Caixa Ec. Federal	10.923	735	15209	4.023	39,2%	447,3%
Total	104.741	60.808	87.553	46.473	-16,4%	-23,6%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

¹ O resgate de tais créditos foi feito de acordo com a Lei 12.838/2013.

Conforme demonstrado na Tabela 5, o resultado operacional e da intermediação financeira dos bancos apresentaram desempenho mais fraco em relação ao primeiro semestre de 2016, exceto na Caixa. Na média dos cinco bancos, o resultado bruto da intermediação financeira caiu 16,4% e o operacional reduziu em 23,6 % no período.

A Tabela 6 mostra o resultado dos impostos e contribuições dos cinco bancos. Nota-se que houve redução significativa no montante pago, o que se deve em parte aos menores resultados operacionais e pode indicar alguma utilização de créditos tributários aos quais os bancos faziam jus. Ainda assim, essa despesa caiu, em média, 66,8% entre os primeiros semestres de 2016 e de 2017 (bem acima da média da queda dos resultados dos bancos). O montante pago a menos foi de R\$ 19,5 bilhões.

Santander e Bradesco apresentaram as maiores reduções no período (81,7% e 77,5%, respectivamente). No Itaú, a redução foi de 56,5% e no Banco do Brasil, de 21,2%. A Caixa foi a única instituição que apresentou saldo positivo, em função de créditos tributários que superaram as despesas com os impostos (ainda que em menor quantidade no primeiro semestre de 2017 do que no mesmo período de 2016).

TABELA 6
Resultado com impostos nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação Absoluta	Variação %
	2016	2017		
Itaú Unibanco	-10.400	-4.529	5.871	-56,5%
Bradesco	-11.590	-2.603	8.987	-77,5%
Banco do Brasil	-2.505	-1.975	530	-21,2%
Santander	-6.917	-1.269	5.648	-81,7%
Caixa Econômica Federal	2.175	674	-1.501	-69,0%
Total	-29.237	-9.702	19.535	-66,8%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Esse comportamento no pagamento de tributos pelos bancos nos últimos meses chamou a atenção do Fisco, que resolveu investigar as causas da redução dos valores

recolhidos, de acordo com matérias publicadas Folha de S. Paulo, em 25 de agosto de 2017².

Fechamento de agências e intensificação no corte de postos de trabalho apontam para forte reestruturação no setor

Itaú, Banco do Brasil e Santander, juntos, fecharam 738 agências bancárias: 184, 543 e 11 unidades, respectivamente, entre junho de 2016 e junho de 2017 (Tabela 7).

No Banco do Brasil, em novembro de 2016, foi anunciado um plano de “reorganização institucional” que projetava o fechamento de 402 agências e a transformação de outras 379 em postos de atendimento (PA). No entanto, o saldo de agências fechadas em 12 meses foi superior ao número anunciado. Também nos pontos da rede própria houve redução de 1.083 unidades no período (o balanço da instituição não divulga o número de PAs, especificamente).

A Caixa também anunciou que deve fechar de 100 a 120 agências em 2017, mas, em 12 meses, foram abertas sete novas agências.

A Tabela 7, no entanto, mostra que os cinco maiores bancos fecharam 146 agências em 12 meses. Isso porque, no caso do Bradesco, o saldo positivo de 585 agências no período é justificado pela incorporação da rede física de atendimento do HSBC Brasil, ou seja, não houve, de fato, abertura de novas unidades.

O que se observa a partir de setembro de 2016 é o fechamento de muitas dessas agências. Com a aquisição do banco britânico, a rede do Bradesco passou de 4.483, em junho de 2016, para 5.337 unidades, em setembro de 2016 (acréscimo de 864 agências). Mas se a base for junho, o saldo de agências em relação ao mesmo período de 2016 foi positivo em 585, número que revela que 269 das 864 adquiridas foram fechadas. Somadas às 738 unidades fechadas pelos demais bancos no mesmo período, ao todo, 1.007 agências tiveram atividades encerradas em 12 meses.

Esse movimento está relacionado à política empreendida pelos maiores bancos do país, de migração dos clientes das plataformas tradicionais de atendimento, como as agências bancárias, para os canais digitais (internet e *mobile banking*). Exemplo claro

² Ver Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1920706-receita-investiga-se-grandes-bancos-do-pais-estao-sonogando-tributos.shtml>

dessa estratégia é o Itaú que, desde março de 2014 fechou 391 agências físicas e abriu 154 agências digitais (quase três agências fechadas para abrir uma digital).

TABELA 7
Número de agências bancárias nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017

Bancos	1º Semestre		Variação	
	2016	2017	%	Nominal
Itaú Unibanco	3.707	3.523	-5,0%	-184
Bradesco	4.483	5.068	13,0%	585
Banco do Brasil	5.428	4.885	-10,0%	-543
Santander	2.266	2.255	-0,5%	-11
Caixa Econômica Federal	3.407	3.414	0,2%	7
Total	19.291	19.145	-0,8%	-146

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A reestruturação em curso nos grandes bancos passa pela introdução acelerada de novas tecnologias e digitalização dos processos, mas, principalmente, pelo encolhimento das estruturas físicas e de pessoal.

Com relação ao emprego bancário, desde 2012, observa-se queda contínua no número de trabalhadores. Em junho de 2017, o total de empregados nas cinco instituições passou de 425.816 para 422.795, com extinção de 3.021 postos (vide Tabela 8). O resultado só não foi pior porque considera a incorporação dos funcionários do HSBC pelo Bradesco. No entanto, após a aquisição, o Bradesco já eliminou 4.779 postos de trabalho, de setembro de 2016 a junho de 2017.

Cabe ressaltar que o banco anunciou, em 13 de julho de 2017, um Programa de Desligamento Voluntário Especial (PDVE), com período de adesão de 17 de julho a 31 de agosto e prazo de até 180 dias para efetivar as rescisões de contrato. Isso significa que, até o final do ano, o Bradesco deve reduzir significativamente o quadro funcional.

TABELA 8
Número de empregados nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017

Bancos	1º Semestre		Variação	
	2016	2017	%	Nominal
Itaú Unibanco	82.213	81.252	-1,2%	-961
Bradesco	89.424	105.143	17,6%	15.719
Banco do Brasil	109.615	99.603	-9,1%	-10.012
Santander	48.877	46.596	-4,7%	-2.281
Caixa Econômica Federal	95.687	90.201	-5,486	-5,7%
Total	425.816	422.795	-3,021	-0,7%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O Itaú Unibanco, desde março de 2011, diminui incessantemente o quadro de funcionários (passando de 22 mil postos fechados desde então). Entre junho de 2016 e junho de 2017, o banco fechou 961 postos de trabalho. O Santander, por sua vez, fechou 2.281 postos no período.

No Banco do Brasil, foram eliminados 10.012 postos, principalmente em dezembro, em função do “Plano Especial de Aposentadoria Incentivada” (Peai), que compõe o Programa de Reorganização Institucional anunciado em novembro. O Peai teve 9.409 adesões até 31 de dezembro de 2016.

A Caixa fechou 5.486 postos de trabalho, revertendo tendência verificada desde 2004. A instituição financeira implantou, no início de 2015, o Plano de Apoio à Aposentadoria (PAA), voltado aos trabalhadores em condições imediatas de se aposentar ou já aposentados pelo INSS. Em fevereiro de 2016, o programa foi reaberto e, em 2017, a instituição anunciou um Programa de Desligamento Voluntário Extraordinário (aberto em fevereiro e reaberto em julho) que já está gerando impacto significativo no quadro de empregados do banco. O objetivo é fechar cerca de 10 mil postos de trabalho.

Considerações finais

Fatos importantes marcaram 2016 e o primeiro semestre de 2017, do ponto de vista econômico e político. Por um lado, permanece a recessão iniciada em 2015, com graves consequências sobre o desempenho do mercado de trabalho, tal como revelam as elevadas taxas de desemprego. Por outro, a abrupta mudança na orientação do governo federal teve consideráveis implicações para a política econômica, com destaque para a intensificação das restrições da política fiscal com a aprovação da Emenda Constitucional 95 (o Teto de Gastos), no final de 2016.

No campo da política monetária, a taxa Selic tem sido reduzida sistematicamente, mas continua em patamares elevados. Com as alterações promovidas no cálculo da Taxa de Longo Prazo (TLP, que antes era Taxa de Juros de Longo Prazo, TJLP), com variação próxima à da Selic, o quadro é de forte restrição e desestímulo ao crédito produtivo e para as famílias, o que retarda a retomada do crescimento.

Além disso, em julho foi aprovada a reforma trabalhista que, junto com a nova lei da terceirização, poderá ampliar a precarização das condições do mercado de trabalho.

Quanto ao Sistema Financeiro Nacional, destacam-se dois movimentos importantes: 1) a conclusão da incorporação do HSBC Brasil pelo Bradesco, que ampliou o grau de concentração bancária no país - poucas instituições cada vez mais agigantadas; 2) a aquisição do CorpBanca pelo Itaú Unibanco, elevando-o à posição de maior banco brasileiro em termos de total de ativos, à frente do Banco do Brasil, líder até então³.

No país, atualmente, os três maiores bancos privados somam R\$ 3,4 trilhões em ativos e respondem por parcela considerável do total do crédito ofertado no Brasil, o que confere a essas instituições enorme poder econômico e político. Além disso, é preciso considerar que os dois maiores bancos públicos do país possuem ativos que superam R\$ 2,7 trilhões e são responsáveis por gerar as condições para o desenvolvimento de importantes setores da economia nacional, como o rural e o habitacional.

Quanto aos resultados dos cinco maiores bancos do país, no primeiro semestre de 2017, destaca-se o crescimento dos lucros em relação ao mesmo período do ano anterior,

³ Ver jornal Valor Econômico. Disponível em <<http://www.valor.com.br/financas/4871736/itau-ultrapassa-bb-e-se-torna-o-maior-banco-do-pais>> e matéria na revista Isto é Dinheiro “Itaú Unibanco é o maior banco do Brasil” <<http://www.istoedinheiro.com.br/itau-unibanco-e-o-maior-banco-do-brasil>>. Acesso: 20/02/2017.

mantidos em patamares significativamente elevados, a despeito da recessão que a economia brasileira atravessa nos últimos anos.

Chamou atenção - inclusive da Receita Federal - o efeito das despesas com impostos e contribuições para o crescimento dos lucros, tendo em vista que o resultado da intermediação financeira e, por consequência, o operacional caíram entre 16% e 24% na média. A queda observada nos impostos, entretanto, foi de 67%.

Se por um lado os bancos ampliam ativos e resultados, por outro, apostam na transferência das operações dos clientes para transações em canais virtuais e no enxugamento das estruturas físicas e funcionais de atendimento. Os cinco maiores bancos fecharam mais de 1.000 agências no primeiro semestre e seguem eliminando milhares de postos de trabalho, inclusive por meio de planos de desligamentos voluntários e de aposentadorias incentivadas.

É crescente a necessidade de se aprofundar o debate sobre o papel desempenhado pelo Sistema Financeiro Nacional, especialmente em relação aos três maiores bancos privados, tendo em vista que, mesmo diante de forte quadro recessivo no Brasil, eles apresentam resultados muito superiores aos de outras empresas dos mais diversos portes e setores. Mesmo assim, os bancos demitem e agravam a situação do desemprego no país.

É preciso cobrar contrapartidas não apenas para os trabalhadores, mas para o conjunto da sociedade brasileira, afinal, conforme aponta o artigo 192º da Constituição Federal, “o sistema financeiro nacional é estruturado de forma a promover o desenvolvimento equilibrado do país e a servir aos interesses da coletividade, em todas as partes que o compõem”. O sistema, no entanto, segue concentrando cada vez mais a renda nacional e muito longe de promover qualquer tipo de desenvolvimento.



Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: Luís Carlos De Oliveira

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Vice-presidente: Raquel Kacelnikas

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Carlos Donizeti França de Oliveira

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretor Executivo: Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

Diretora Executiva: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Direção Técnica

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio

Coordenadora de pesquisas e tecnologia: Patrícia Pelatieri

Coordenador de educação e comunicação: Fausto Augusto Júnior

Coordenador de relações sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira

Coordenadora de estudos em políticas públicas: Angela Maria Schwengber

Coordenadora administrativa e financeira: Rosana de Freitas

Rede Bancários

Catia Uehara, Felipe Miranda, Fernando Amorim, Gustavo Cavarzan, Iara Welle, Pedro Tupinambá, Regina Camargos Valmir Gongora, Vivian Machado